

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1982

FULVIO MARIO BROILO, *Iscrizioni Lapidarie Latine del Museo Nazionale Concordiese di Portogruaro (I a.C. — III d.C.)*—I. Edição de Giorgio Bretschneider, Roma, 1980, 142 p., ilustr. Collezioni e Musei Archeologici del Veneto, n.º 16 (coleção dirigida por Gustavo Traversari).

Trabalho exemplar — é o mínimo que se pode dizer deste catálogo, pela sua clareza, metodologia e precisão. Uma obra que honra a investigação epigráfica italiana.

De excelente apresentação gráfica, óptimo o papel e muito boas fotografias, este I volume inclui o estudo de setenta monumentos epigráficos da antiga *Concordia*, guardados (salvo o n.º 8a) no Museu de Portogruaro, datáveis do Alto Império. Estudo a ser continuado num segundo volume, que conterà também as inscrições perdidas de Concórdia e seu território, bem como os textos existentes fora do museu, reservando-se para o terceiro as inscrições dos séculos IV-VI.

Um dos aspectos mais salientes da obra é a definição imediata dos «critérios de publicação» (p. 11-12). E se já a «premissa» (p. 9) nos mereceu atenção por acentuar que é o facto de as peças terem uma «origem homogénea e geograficamente bem delimitada» que permite detectar, pela sua análise, características comuns e modas preponderantes — é a clara enumeração do que se vai fazer, como e porquê, que nos parece digna de relevo, pois ela é fundamental e raramente se apresenta em publicações deste tipo.

Em primeiro lugar, *o critério de arrumação dos monumentos*: o do *CIL* para os textos religiosos, imperiais, senatoriais, equestres, militares e muni-

cupais; um critério tipológico (não de ordem alfabética dos gentílicos, como é habitual) para os textos de carácter privado. Confessemos que tivemos aqui uma certa dificuldade em discernir, por exemplo, porque é que o n.º 56 vem depois do 55, sendo ambos monumentos, privados, classificados como «stele in calcare del Carso», o primeiro dedicado a *Domitius Zosimus* e o segundo a uma *Saturnina*. Cremos que teria sido útil, neste caso, explicitar mais o critério: agrupamento por semelhanças textuais, pela condição social, pela onomástica, pela decoração?

Quanto ao processo de *descrição do monumento*, achamo-lo impecável : depois de, em título após o número de catálogo, se indicar o tipo de monumento, o material de que é feito e o número de inventário, dão-se em itálico as seguintes informações: medidas, colocação no museu, lugar de achado e permanência até ir para o museu e estado de conservação. A clareza e o bom poder de síntese são também aqui qualidades a assinalar, talvez só ausentes na descrição do n.º 34, peça bastante alterada pelo baixo-relevo em que se viria a transformar — necessita-se de certa perspicácia para discernir de imediato o que resta actualmente do texto original e como se procedeu à sua reconstituição.

Após uma descrição muito correcta e com ajustada terminologia (apesar de o estudo da decoração estar programado para outro volume), frisando-se mesmo como o monumento foi trabalhado — vem a interpretação do texto, em minúscula, sem indicação de pontuação, respeitando-se as linhas epigráficas com a altura das letras ao lado de cada uma.

Não se dá tradução e faz-se, em seguida, um comentário paleográfico simples. Não se alude, porém, sistematicamente, à paginação, aspecto que assume bastante interesse e que, se nos agradou ver assinalado na p. 54 (n.º 19), nos parece também importante em relação ao n.º 8 (p. 26): aí todo o espaço em branco deixado na l. 5 após TR.PL afigura-se-nos propositado, destinado a incluir as magistraturas seguintes eventualmente exercidas pelo homenageado, que, aliás, pouco depois assumiu a pretura (p. 28).

Atenção é dada aí, correctamente, a aspectos de execução das epígrafes: no n.º 23 (p. 60) explicita-se bem que o diferente módulo da invocação aos Manes implicou gravação anterior ao restante texto; e, no comentário ao n.º 58, tal problema é bem focado também — o monumento aguardava na oficina para ser terminado ao gosto do cliente e receber um texto; neste caso, até as linhas de pauta já gravadas acabaram por não serem respeitadas.

A paleografia serve habitualmente como critério de datação. Fulvio-mario Brodo soube ser cauteloso, comparando com textos de áreas vizinhas, atentando no conteúdo da epígrafe, não menosprezando os elementos decorativos (por exemplo o penteado — n.º 21).

Por último, o comentário histórico-prosopográfico, inteligente, rigoroso, feito a maior parte das vezes linha a linha, bem apoiado em bibliografia (citada sempre no texto e nunca em nota de rodapé), referindo-se quando oportuno outras inscrições e os testemunhos das fontes literárias. Essa análise resulta coerente e só num ou noutro pormenor pode por vezes

suscitar dúvidas. Indiquemos, a título de exemplo, algumas das muito escassas que nos ocorreram :

1) Na pág. 18, em relação a *T. Flavius Helius, frumentarius*, aponta-se a ausência de filiação como critério cronológico: tal não será antes um índice de que *Helius* é liberto?

2) Na p. 30 (n.º 10), será *Perses* (e não *Persa*) o nominativo correspondente ao dativo *Persae*, quando o próprio n.º 55 também refere um *Persa* ?

3) Na p. 46, as referências ao *primipilatus* são adequadas; importaria talvez citar o trabalho de S. J. DE LAET sobre o papel deste cargo militar como preliminar da carreira equestre (*Le rang social du Primipile à l'époque d'Auguste et de Tibère*, «L'Antiquité Classique» IX, 1940, p. 13-23).

E se na p. 25 (n.º 7) é uma questão de pormenor a leitura [P]ARTH[ICI] em vez de [P]ARTHI[CI] (que nos parece mais correcta), a interpretação do n.º 48 (p. 107-108) merece um pouco de reflexão: *Pardala*, ao contrário do que o Autor parece indicar, não é expressamente citado por Kajanto, que traz apenas *Pardulus*—• é cognome que não encontramos outras vezes e cuja terminação em *-a*, no masculino, radica precisamente na flexão grega. O monumento não foi reconstituído no final da 1.2, como a ausência de vestígios do gradim aí se nos afigura insinuar (pelo menos na foto)? Daí a nossa reconstituição, rejeitando o genitivo da 1.2, um tanto aberrante se considerarmos que o epitáfio começa pela saudação HAVETE —SER(vius) IVLI[VS]/ PARDALA... Era o epitáfio de *Servius Iulius Pardala* e sua filha *Iulia Serena*, seus libertos e libertas (cremos não se justificar um dativo na 1. 7). Na 1. 8, preferimos *V(ivi) F(ecerunt)* ou quando muito *V(ivus) F(ecit)* a *V(ivus) F(eci)*. As últimas duas linhas — IVLIAE CARPIM(e) / LIB(ertae)—foram acrescentadas depois, justificando-se assim o dativo, pela incompreensão das linhas precedentes.

A bibliografia, posterior ao *CIL*, é indicada no final de cada comentário, apontando-se também a proveniência das fotos.

Precedem ainda o catálogo propriamente dito — que é, de facto, muito mais do que um simples catálogo — duas utilíssimas informações: o elenco das abreviaturas e a explicitação dos sinais diacríticos usados.

No final do volume, o índice dos nomes (*nomina* e *cognomina*), anunciando-se desde já os índices epigráficos completos para o segundo volume, onde serão também mais desenvolvidos os comentários de conjunto. Segundo volume que, por isso mesmo, e atendendo ao que o primeiro nos mostra, ficamos a aguardar com o maior interesse.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO